

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do "Diário de Pernambuco" (1957-1962)

Francisco Wesley Pinheiro Sousa*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v12i1266-288

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as notícias do "Diário de Pernambuco" sobre a Cessão de Fernando de Noronha aos Estados Unidos durante o período da Guerra Fria. Pretende-se examinar como o jornal retratou os imaginários políticos desse período e a mudança repentina na forma de noticiar, deixando de lado a importância da base a partir de 1959. Para embasar essa pesquisa, foram utilizados os trabalhos de Rolim (2021) e Nascimento (2009). Dessa forma, compreendemos como o jornal buscou se alinhar com o governo em relação à Cessão do arquipélago e como isso "inflamou" a política da época.

Palavras-chave: Base de rastreamento; Fernando de Noronha; Guerra Fria; Teleguiados

*Graduando em História pela FECLESC/UECE. Contato: fweslleyps@gmail.com. Este artigo é fruto da bolsa de pesquisa IC-UECE, contou com orientação do Professor Dr. Tácito Thadeu Leite Rolim, a quem agradeço pelo apoio e orientação.

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

Introdução

Durante o período posterior à Segunda Guerra Mundial, o mundo viveu momentos de tensão conhecido como “Guerra Fria” protagonizado pelos Estados Unidos e União Soviética. Os movimentos das duas potências abarcaram várias partes do mundo: o Brasil foi uma delas. Para exercer cada vez mais influência na América Latina, os americanos firmaram mais de dez acordos com o Brasil (NASCIMENTO, 2009, p. 53), para, segundo os próprios, garantir a soberania do ocidente na luta contra os comunistas. Dentro desses acordos estava incluído o uso de Fernando de Noronha, que seria de grande ajuda para a proteção do continente, segundo os EUA. E devido a sua posição estratégica no continente americano, servindo para os rastreios dos mísseis balísticos lançados a partir da base na Flórida (ROLIM, 2006, p. 88). A partir dessas informações se iniciou a pesquisa que fundamentou este artigo, onde analisaremos como se deu todo processo de chegada dos norte-americanos, a construção da base e seu funcionamento a partir da ótica do jornal *Diário de Pernambuco*, o mais antigo circulando na América Latina. O acordo de cessão foi formalizado em fevereiro de 1957 e a partir disso o jornal deu ainda mais foco as ações em Fernando de Noronha, não só ele, como também os principais nomes da política brasileira.

O recorte utilizado será, principalmente, do final do ano de 1956, onde tem início às tratativas da cessão, até 1962, ano que o acordo da base não foi renovado e as Forças Armadas brasileiras tiveram o controle daquelas instalações. Dentro deste período os anos foram divididos em dois grupos, conforme a frequência de notícias sobre o tema. O primeiro grupo vai até próximo do fim de 1958, esse período é o que tem o ápice de notícias sobre a base onde quase diariamente se encontrava

informações relevantes onde se percebe a empolgação que rondava a cessão do arquipélago. Já o segundo grupo de notícias vai de 1959 (ou um pouco antes) até 1962, onde já se tem passado esse período intenso de notícias e acabaram por se tornar cada vez mais escassas. Ressalto que esse ciclo quase não teve matéria de capa.

No primeiro período, perceberemos haver um grande afinco do jornal em defender a cessão, poderemos encontrar nas notícias, de forma mais velada, como também em artigos de forma explícita. A maioria destes não estão assinados por autor algum, mas um certo número fora escrito por Assis Chateaubriand, dono dos *Diários Associados* e um dos grandes nomes públicos daquele período, percebendo assim a grande dimensão que se tornou a defesa da cessão de Fernando de Noronha. A cessão se tornou alvo de críticas dos políticos opositores e esses se tornaram alvo do jornal, que os chamavam de comunistas e nacionalistas que queriam prejudicar e enfraquecer o país (MANOBRA..., 1957, p. 4). O *Diário de Pernambuco*, naquele momento, não endossava nenhum tipo de crítica ao movimento de chegada dos americanos ao arquipélago, mas com o passar dos anos esse “bloqueio” de críticas vai se enfraquecendo.

No segundo momento do recorte, torna-se claro que essa defesa sistemática vai diminuindo gradativamente, mas ela não se extingue. As páginas jornalísticas do *Diário* vão deixando de noticiar sobre a cessão gradualmente, e quem começará a tratar do assunto com mais recorrência será a página de humor do jornal. Isso era impensável no início, visto o empenho dos *Diários Associados* em legitimar a ocupação do local pelos Estados Unidos.

O mar está turbulento no arquipélago

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

Como dito anteriormente, a cessão da base estava em uma série de acordos firmados entre o Brasil e os Estados Unidos, porém essa informação não chega completa ao público — apenas sobre o Acordo Militar de 1952¹. A primeira informação encontrada no jornal foi no final de 1956, mais especificamente no dia 13 de dezembro, e trazia um artigo defendendo que Fernando de Noronha fosse usado como ponto essencial na defesa do continente, criticava os russos, afirmou que os americanos não são um povo imperialista, mas não havia nenhuma menção a qualquer negociação em vigor (COOPERAÇÃO..., 1956, p. 4). Algumas edições depois vieram as notícias que seriam instaladas defesas antiaéreas no arquipélago (INSTALAÇÃO..., 1956, p. 1), o que hoje sabemos que não era o real intuito dos americanos. Já próximo ao natal daquele mesmo ano, o Conselho de Segurança brasileiro aprova a instalação da base e o governo começou a discutir o que ganharia dos EUA após instalada a base, o jornal intitula esse recebimento de um “pequeno Plano Marshall”, já que a base governista no Congresso ia buscar compensações financeiras pela cessão (COMPLETA..., 1956, p. 1). E esse é um dos pontos que gerará bastante discussão naquele momento que antecede a instalação.

Sabemos que o presidente Juscelino Kubitschek tinha um projeto bastante ambicioso para o país, o famoso “50 anos em 5” e para isso necessitava de dinheiro e a cessão era uma oportunidade para conquistá-lo. Toda a tratativa do acordo foi encabeçada pelo *Conselho Nacional de Segurança*, houve várias reuniões sigilosas para discutir o acordo e nelas foram discutidas dois tipos de compensações. A primeira seria de equipamentos técnicos/militares, para a melhoria dos equipamentos das *Forças Armadas*, e a segunda a de abertura de créditos para amparar o projeto de JK (OFICIAL...,

¹ Acordo visando assegurar a defesa do continente, assinado por Getúlio Vargas e Harry Truman em 15 de março de 1952.

1956, p. 1). Durante a negociação, José Maria Alkmin, ministro da Fazenda, foi aos EUA para se reunir com representantes do *Export-Import Bank of the United States* (Eximbank). Segundo o jornal, a viagem serviria para tratar dos créditos que deveriam ser liberados com a cessão e o ministro negou que fosse esse o objetivo (ACORDO..., 1956, p. 1). Após essa viagem, só teremos novas notícias sobre a busca por compensação financeira quase um mês depois, no dia 20 de janeiro de 1957, onde o jornalista Marroquim (1957, p. 4) apresenta cinco pontos sobre a base e entre eles está o pedido de liberação imediata de créditos ao governo brasileiro: essa é a última notícia que o jornal trouxe, durante o período analisado, sobre o dinheiro pedido aos Estados Unidos.

Em paralelo a isso, a oposição se movia contra a instalação da base, que diziam entregar o país aos americanos. O *Partido Comunista Brasileiro* (PCB) liderava essa ofensiva a fim de chamar a população às ruas. O jornal minimizou esse movimento atacando-os ao dizer serem bolcheviques, que não passavam de propaganda vermelha e que havia comunistas infiltrados em todos os partidos com ordens de condenar a cessão de Fernando de Noronha. (IMINENTE..., 1956, p. 1). Agora a oposição evocará Getúlio Vargas para ao estilo “O petróleo é nosso” se manifestarem contra a cessão, com isso, conseguiram unir esquerda e nacionalistas em prol de um mesmo objetivo.

Esse movimento oposicionista não ficou apenas nas ruas, passando também ao Legislativo, com ações de deputados no *Congresso Nacional* para barrar a instalação da base norte-americana (AINDA..., 1957, p. 1). Vemos haver uma tentativa de levar o assunto a ser debatido e votado na casa, porém não havia interesse por parte do governo. Isso foi expresso pelo deputado Vieira de Melo, líder da maioria na *Câmara dos Deputados*, ao afirmar que não via como o acordo dependia da avaliação dos parlamentares (NOTA..., 1957, p. 1). Mesmo com alguns deputados sendo contra o

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreio de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

debate, a oposição pretendia colocar em pauta a cessão após o recesso de fim de ano, defendiam ser de importância que o acordo passasse pela atual legislatura (TRÊS..., 1957, p. 1).

É interessante notarmos que quando o debate entre governo e oposição se acirrou, o jornal fez um papel de defensor da base e teceu críticas ácidas aos líderes que se mostravam contrários ao governo. Em um artigo, de autoria não nomeada, chamou de “ultra-cretina” a afirmação de que seria entreguismo por parte da situação se aceitasse a instalação americana em Noronha (ENTREGUISMO..., 1957, p. 4). E as críticas não estavam só reservadas aos artigos de opinião, nas notícias também podemos notar que há esse interesse em polir as ações do governo, por exemplo, ao noticiar que a oposição pretendia colocar em pauta a cessão, o jornal finaliza com o seguinte: “[...] o governo [...] já está cuidando de se preparar para respondê-las satisfatoriamente” (TRÊS..., 1957, p. 1). Percebemos não haver esse cuidado ao falar da oposição, muito pelo contrário, havia o uso de palavras fortes e certo desdém.

Enquanto os deputados discutiam entre si para decidir se iam ou não pautar tal assunto, o governo se mobilizava para tentar assinar o acordo o quanto antes, a previsão inicial era que seria assinado até o último dia de 1956 (BASE..., 1956, p. 1). Porém, não foi possível e o jornal não deixa claro o motivo de não ter sido firmado no prazo inicial, nesse mesmo período começou a aparecer mais notícias sobre as exigências financeiras e o movimento oposicionista contra a cessão. Após a virada do ano e o acordo não ter sido assinado o *Diário de Pernambuco* tratou o acordo como “o problema da base” (ULTIMA-SE..., 1957, p. 1), visto a demora em se chegar a um consenso. Foi a partir daquele momento que o presidente Juscelino Kubitschek começou a aparecer mais em público para tratar do assunto.

Na edição do dia 11 de janeiro de 1957 o presidente relata que os problemas que estavam prejudicando a assinatura do acordo já haviam sido superados, entre eles está a manutenção da soberania nacional (DENTRO..., 1957, p. 1), que era uma das principais reivindicações dos deputados. Posteriormente, é dito que por apenas alguns problemas burocráticos, não citando quais, a cessão ainda não havia sido concedida. Alguns deputados aliados, como César Prieto, se mostraram confiantes e tratavam como obrigação o Brasil ceder o arquipélago para a proteção do continente (ESPERA-SE..., 1957, p. 1).

Durante o atraso na negociação, a imprensa norte-americana começou a noticiar que o governo brasileiro tentaria barganhar para conseguir mais dinheiro dos Estados Unidos. Talvez esse seja um dos motivos não divulgado pelo *Diário* para a demora em se firmar a cessão, diante dessas acusações o ministro das Relações Exteriores Macedo Soares, veio a público defender que o Brasil não estava barganhando, mas buscando apoio para “certos projetos em que buscamos ajuda financeira” (NENHUMA..., 1957, p. 1) e mais uma vez não são ditos quais seriam esses projetos.

Quase um mês depois da previsão inicial, em 22 de janeiro de 1957, o acordo foi firmado, onde foi acertado a cessão por um período de cinco anos e que poderia ser renovado se assim as partes desejarem (FIRMADO..., 1957, p. 1). Também foi posto a entregar a base já pronta em agosto do mesmo ano, onde os EUA arcariam com todos os custos de construção e manutenção (OS NORTE-AMERICANOS..., 1957, p. 1). Segundo o próprio jornal, a negociação durou seis meses, foi considerada bastante rápida e deixou ambos os lados satisfeitos, visto que as exigências foram atendidas (SATISFEITOS..., 1957, p. 1). É esperado que a Ilha Rata, considerada a segunda maior do arquipélago, seja totalmente usada para abrigar as instalações americanas (CASCUDO, 1957, p. 16).

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

Após a confirmação do acordo, o jornal iniciou uma série de reportagens para tratar de Fernando de Noronha. Enviou o repórter Tadeu Rocha para contar a atmosfera do local, dedicando uma página inteira ao assunto (ROCHA, 1957, p. 2). Outra reportagem do mesmo autor mostra que historicamente o arquipélago foi mal guarnecido, tanto que no período colonial foi ocupado por holandeses e franceses, mostrando uma justificativa à ocupação dos americanos no local, mostrando que seria melhor para a segurança nacional (ROCHA, 1957, p. 16).

Mesmo após a conclusão do acordo da cessão a discussão política seguia em polvorosa, a *União Democrática Nacional* (UDN), principal partido de oposição, já se movimentavam para que os debates sobre a base não fossem deixados de lado e buscavam que o acordo fosse destrinchado perante os deputados (TELEGUIADOS..., 1957, p. 1). Enquanto isso, o governo buscava desfazer o mal-entendido de que a base seria usada para lançamento de mísseis, pois, na verdade, a base seria apenas um ponto de rastreamento (JUSTIFICADA..., 1957, p. 1). No mesmo período que os deputados discutiam a questão da base, o presidente JK veio a público afirmar que o acordo só dependia do Executivo e que o Brasil cumpriria todos os pontos firmados com os Estados Unidos e, indo além, disse que se preciso for o país também ajudará na luta armada (O BRASIL..., 1957, p. 1).

Nesse mesmo período começou a surgir as informações técnicas acerca de como funcionaria esse ponto de observação em Noronha. Foi ventilada a intenção de se instalar uma base de radar entre Belém e Salvador para auxiliar a base central no arquipélago, onde seria um ponto de ligação entre o Atlântico Norte e o Sul (O BRASIL..., 1957, p. 1). E além desta base de radar Amaral Peixoto, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, esclareceu haver também a autorização para construir um centro de

comunicação em Maceió e várias bases de radares na costa brasileira. Chamou atenção a questão de o embaixador conversar com os EUA sobre investigar urânio no país, visto haver um boato que poderia ser encontrado no arquipélago (DECLARAÇÕES..., 1957, p. 1).

Em abril de 1957 os EUA começaram os trabalhos para a construção da base, enviando técnicos especialistas em teleguiados para analisarem a ilha, como também iniciou o envio de materiais para a construção (TÉCNICOS..., 1957, p. 1). A intenção era que a construção fosse acelerada para conseguir alcançar os trabalhos na base da Ilha de Ascensão, que era comandada pela Inglaterra e pelos Estados Unidos. Os trabalhadores da construção encontraram bastantes problemas no arquipélago em relação à estrutura do terreno, principalmente quando foi preciso instalar uma estação geodésica nas rocas (ESTAÇÃO..., 1957, p. 32).

Dois meses depois apenas estavam construídas estruturas auxiliares no arquipélago e com a chegada de novos materiais o intuito era começar um período de intenso trabalho para a construção da base principal, que ficaria localizada estrategicamente próxima ao aeroporto (CONSTRUÇÃO..., 1957, p. 16). Neste mesmo período o presidente Kubitschek fez uma visita a Fernando de Noronha, a primeira vez que um presidente aterrissou no arquipélago, para acompanhar o andamento das obras. Ao falar se mostrou bastante contente com o resultado, também com a constatação, segundo ele, de que não houve e nem haverá quebra da soberania brasileira no local e mais uma vez ressaltou que aquela base seria de extrema importância na defesa do continente contra inimigos externos (VISITA..., 1957, p. 18). Depois da visita de JK, foi a vez de Ellis O. Briggs, embaixador americano no Brasil, observar como andava a construção da base e o que mais chamou atenção foi o sigilo

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

empregado na chegada dele e com ele estiveram militares de altas patentes do Brasil e EUA (VISITOU..., 1957, p. 18).

Algo que será recorrente no período da cessão da base de Fernando de Noronha será a comparação com a base de Ascensão. Em um primeiro momento, no meio de 1957, surge a notícia de que ela será a principal base da América do Sul, pois contará com lançamento de mísseis (o que é falso), algo que o Acordo do arquipélago brasileiro não previa e o jornal tratará isso como um ponto negativo (LUIS, 1957, p. 32).

A construção da base, por algum motivo que o jornal não cita, não foi finalizada em agosto de 57 como previam os militares, diferente do que foi anunciado no início, de que seria um trabalho muito rápido visto a urgência. A obra, segundo o governador do território Abelardo Mafra, estava “morosa” e sem muitas novidades oito meses após o acordo (PROSSEGUEM..., 1957, p. 3), só teremos novidades em novembro daquele ano e onde ficaram prontas algumas instalações mais simples como o almoxarifado e o restaurante para uso dos trabalhadores da base (CHEGARAM..., 1957, p. 8).

Naquele mesmo ano, foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar a cessão do território de Fernando de Noronha aos EUA. O *Diário* trouxe poucas notícias acerca da CPI, mas no final os parlamentares visitaram o arquipélago e, segundos eles, concluíram estar tudo nos limites legais e que a soberania nacional não teria sido quebrada (RESGUARDADA..., 1957, p. 3). Como podemos perceber ao longo das notícias as questões envolvendo a soberania era uma “preocupação” constante das autoridades.

Durante o período de construção o coronel Moody, comandante da base, estava em vias de ser destituído do cargo, desde janeiro de 1958 começaram a circular boatos

de que ele seria trocado do cargo, os motivos mais uma vez não foram levados a público (LUIZ, 1958, p. 5). Ele acabou ficando poucos dias no cargo após o início do funcionamento da base em julho daquele ano, trocado pelo major William Sandusky em agosto (TEM..., 1958, p. 3).

Como falado há pouco, a base foi finalizada em julho de 1958, mas começou a operar apenas no mês seguinte (LUIZ, 1958, p. 20) e há algumas informações interessantes sobre esse funcionamento. por exemplo, há algumas áreas das instalações que a imprensa não pôde acessar, como o Sistema de Localização de Impacto de Mísseis (MILS, em inglês), sistema esse que seria o principal aparato tecnológico da base (LUIZ, 1958, p. 22).

No fim daquele ano os Estados Unidos começaram a mandar vários materiais bélicos para o Brasil. Eram esperados 14 contratorpedeiros, 2 caça-minas e aviões a jato, segundo o jornal, essa foi uma das contrapartidas pedidas pelo país para aceitar ceder o arquipélago (MANDAM..., 1958, p. 2).

A mudança da maré em Fernando de Noronha

Desde o meio de 1958, a seção de humor do jornal tornou-se mais atuante em falar sobre a base no arquipélago. O primeiro momento humorístico encontrado trata da soberania brasileira em Fernando de Noronha. Como percebemos era algo bastante questionado, a página Melokisses traz a pergunta se Noronha é território brasileiro e, em seguida, responde “Yes! Yes!” (FERNANDO..., 1958, Melokisses, p. 33), obviamente fazendo uma crítica ao processo de cessão. Posteriormente a página criticará novamente a dita “americanização” do arquipélago, agora fazendo uma jogada de humor com os nascidos ali, onde questiona a uma criança que nasceu na ilha se ela é brasileira e ela responde “les! les [sic]” (APROXIMOU-SE..., 1958, Melokisses, p. 37).

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

Percebemos que essas críticas eram impensáveis quando o acordo estava em negociação, visto poder gerar um pensamento contrário a cessão no público, mas a partir do acordo firmado, vê-se uma maior liberdade ao jornal, pelo menos na questão do humor, em se criticar as ações do governo.

Concomitante ao aumento de notícias na página de humor vemos uma diminuição nas publicações em outros cadernos do jornal, mas continua a aparecer algumas notícias bastante interessantes, como a publicada em abril de 1959 que trouxe que houve experiências atômicas no nordeste brasileiro sendo verificadas explosões com características nucleares em Quixadá no sertão do Ceará (COMISSÃO..., 1959, p. 1). Em Rolim (2006, p. 136), será abordado com mais detalhes sobre a Operação *Argus*, que ficou em sigilo por um certo período. Também será discutida a questão dessas supostas experiências na costa do nordeste brasileiro e como elas permaneceram no imaginário de parte da população cearense. Durante esse período, foram observados clarões e objetos estranhos no céu do sertão cearense.

No meio de 1959, surgem notícias vindas dos Estados Unidos, ventilando a informação de que há um debate no senado americano em que falam que o Brasil alugou Fernando de Noronha por 80 milhões de dólares para a instalação da base. A partir disso, os parlamentares da *Frente Parlamentar Nacionalista* movimentaram-se para ouvir o governo e questionar a veracidade das informações (POLÍTICA..., 1959, p. 1). Neste mesmo período, houve um burburinho que a base de teleguiados está sendo abandonada pelos americanos, a fonte é um jornal dos EUA (não citado). O *Diário de Pernambuco* afirmou que a informação não procedia, que apenas estava sendo retirado um Radar Telétrico, que serve para medir os voos dos teleguiados. Podemos perceber que já é uma indicação de que a base está perdendo sua importância

(DESCONHECEM..., 1959, p. 3). Posteriormente, um funcionário da base afirma que o acordo segue firme e que a base é “essencial” para a estratégia norte-americana. O jornal traz que alguns detalhes do acordo ainda seguem um mistério, como o número de funcionários e os gastos com a base (“BASE...”, 1959, p. 2).

Nas próximas edições, o assunto continuará o mesmo, a permanência da base em Fernando de Noronha. Na edição 155, é dito que a base se tornou “obsoleta” e que já estariam sendo dispensados os especialistas que trabalhavam ali. Mas, caso um novo acordo seja feito com o Brasil, os EUA estariam dispostos a reequipar o arquipélago, caso não tivesse outra alternativa, mas há a base de Ascensão. Segundo o jornal, já foram gastos 89 milhões de dólares na base (USA..., 1959, p. 1).

Como dito anteriormente, a página de humor do jornal falou com mais “acidez” sobre a cessão do arquipélago, em resposta as últimas notícias, diz que: “O bom jornalista é aquele que na falta de fatos inventa notícias que correspondem aos anseios do povo como aquela de que Fernando de Noronha voltaria a ser 100% verde e amarela...” (O BOM..., 1959, Melokisses, p. 32).

Com os rumores de saída dos americanos do arquipélago, os políticos passam novamente a criticar a cessão. O senador Lourival Fontes diz que é inexplicável o sigilo acerca do acordo de cessão, visto que é de interesse nacional as informações (CONGRESSO..., 1959, p. 1). Posteriormente, o deputado Paulo de Tarso requer as notas trocadas entre os Estados Unidos e o Brasil, para que os pormenores sejam divulgados (REQUERIMENTO..., 1959, p. 4). Após esse requerimento, só teremos notícias envolvendo o Congresso e a base no fim do ano, quando o deputado Paulo Mincarone afirma que a Marinha age de má-fé ao dizer que receberão gratuitamente um porta aviões dos EUA, pois receberão graças ao acordo de FN e diz que deveriam receber

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreo de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

implementos agrícolas e “coisas necessárias” para o povo brasileiro (MARINHA..., 1959, p. 3). Depois disso, o senador Atílio Vivacqua propõe ao senado a revisão do acordo de cessão de Noronha aos EUA, pois, segundo ele, o acordo é danoso ao Brasil (REVISÃO..., 1959, p. 12).

No início de 1960, o marechal Teixeira Lott irá responder o requerimento do deputado Paulo de Tarso afirmando não haver base militar em Fernando de Noronha, sendo apenas um posto de observação, também não é norte-americana, pois não há “nenhuma unidade militar dos Estados Unidos”, apenas os equipamentos são americanos (AFIRMA..., 1960, p. 1). Em uma edição posterior do jornal, a página “Olho Dágua” faz uma piada sobre essa afirmação do Lott, dizendo que “não falo sôbre o caso de Fernando de Noronha porque não sei discutir sem ‘base’...” (NÃO FALO..., 1960, Olho Dágua, p. 15).

Durante o ano de 1960, tivemos eleições para presidente da república, os principais candidatos eram o marechal Teixeira Lott, governista, e Jânio Quadros, oposição. E a cessão do arquipélago foi um dos temas que agitaram a campanha. O candidato governista era, como já percebemos, a favor do acordo. Já o opositor, completamente contra, passando a campanha criticando o acordo. Depois da vitória de Jânio Quadros, a página de humor do *Diário* pública que “agora, resta saber se a ilha de Fernando ‘of’ Noronha voltará a ser ‘de’...” (O CEGUINHO:..., 1960, Melokisses, p. 36).

Como dito no início, as notícias a partir de 1960 ficam bastante escassas, a última do ano irá tratar também da base de Ascensão, uma recorrente comparação que o jornal faz, onde afirma que ela supera a de Noronha em tecnologia, sendo esses um dos motivos para o iminente abandono da base no Brasil (ILHA..., 1960, p. 1). Outro sinal dessa saída, foi a redução de pessoal e equipamentos norte-americanos em maio

de 1961, na ocasião o jornal afirmou estar claro que o arquipélago havia perdido sua importância (AMERICANOS..., 1961, p. 3). Posteriormente, o jornal publica uma reportagem falando sobre os motivos dessa diminuição do uso da base em território brasileiro, e um desses motivos seria os projéteis Mercury, que tem um alcance muito maior que os anteriores. Mas o jornal afirma que isso não, necessariamente, significa que Noronha se tornará obsoleta aos americanos, visto que o centro de comunicação ainda é imprescindível (VALOIS, 1961, p. 5).

Só voltaremos a ter importantes informações sobre o acordo em 1962, último ano de vigência da cessão. Em janeiro, a comissão Brasil-EUA vai a Noronha discutir a renovação do acordo, caso achem vantajoso para ambos os países (CARAVANA..., 1962, p. 3). Em julho do mesmo ano, o *Diário* publica que os americanos irão entregar base naquele mesmo mês, pois a base se tornou “inútil” devido aos avanços tecnológicos (USA..., 1962, p. 3). No dia 17 daquele mês a base foi devolvida ao Brasil, em pronunciamento, o general Costa e Silva afirmou que seria feito o inventário dos equipamentos para serem absorvidos pelas Forças Armadas brasileiras (BASE..., 1962, p. 8).

Um artigo publicado no jornal, assinado por um autor que se identifica apenas como P (1962), critica, que chama de “comunistas e nacionalistas”, e defende o período em que a base foi ativa, afirmando que os americanos cumpriram com sua missão, que não alterou em nada a honra nacional. Por fim, ressalta que agora o território será ponto turístico.

Considerações finais

O período analisado abrange o final de 1956 até 1962 sendo dividido em dois grupos. No primeiro grupo, que vai até o final de 1958, o jornal *Diário de Pernambuco*

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

demonstrava um grande apoio à cessão de Fernando de Noronha aos Estados Unidos. O jornal defendia a presença americana no arquipélago como forma de garantir a soberania do ocidente na luta contra os comunistas e atacava os políticos opositores que criticavam a cessão, chamando-os de comunistas e nacionalistas que queriam enfraquecer o país.

O presidente Juscelino Kubitschek percebeu na Cessão uma forma de obter recursos financeiros para seu ambicioso projeto de desenvolvimento do país. Durante as negociações, discutiu-se a abertura de créditos para o Brasil e a melhoria dos equipamentos das Forças Armadas. Além disso, a pesquisa também evidenciou que o governo brasileiro não ouviu o Congresso sobre o acordo de cessão, o que gerou críticas pelos deputados e senadores opositores.

Nesse primeiro período, o jornal publicava quase diariamente notícias e artigos sobre a base e a cessão de Fernando de Noronha, destacando a importância estratégica do local para a defesa do continente americano. Os Diários Associados, donos do jornal, tinham interesse em legitimar a ocupação americana no arquipélago. Durante o processo de negociação, houve debates acalorados entre governo e oposição. A oposição, liderada pelo Partido Comunista Brasileiro, criticava a cessão de Fernando de Noronha como uma entrega do país aos americanos. O jornal minimizava esse movimento opositor, chamando-os de bolcheviques e propagandistas vermelhos.

Com o desenvolvimento da base e com mudanças políticas, o jornal muda sua postura no segundo período analisado, que vai de 1959 até 1962, diminuindo gradativamente o foco na defesa da base. As notícias sobre a cessão de Fernando de Noronha tornam-se menos frequentes e a página de humor do jornal começa a tratar

do assunto com mais recorrência. Isso marca a diferença em relação ao início do processo, quando o jornal era fortemente favorável à presença americana no arquipélago.

Diante disso, podemos concluir que a cobertura do jornal sobre a cessão de Fernando de Noronha refletiu o interesse da sociedade e a importância do assunto em determinado período. Entretanto, à medida que a importância da base militar diminuiu e outros temas se tornaram mais relevantes, o jornal deu menos espaço para a cobertura da questão. É importante ressaltar que a postura do governo em relação ao acordo e a falta de diálogo com o Congresso foram pontos muito debatidos nesse período.

Referências bibliográficas

ACORDO sobre a base de foguetes. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 131, n. 293, p. 1, 25 dez. 1956.

AFIRMA Lott: Ilha não tem base militar. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 135, n. 38, p. 1, 16 fev. 1960.

AINDA em estudos o acordo sobre a base de foguetes. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 7, p. 1-10, 8 jan. 1957.

AMERICANOS reduzem pessoal e equipamentos na base de teleguiados de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 136, n. 107, p. 3, 12 maio 1961.

APROXIMOU-SE do garotinho que nasceu em Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 133, n. 256, 9 nov. 1958. Melokisses, p. 37.

BASE de Foguetes: conclusão do acordo até dia 31. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 131. n. 294, p. 1-12, 27 dez. 1956.

"BASE essencial": Norte-Americanos não sairão de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 150, p. 2, 4 jul. 1959.

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do "Diário de Pernambuco" (1957-1962)

BASE de Teleguiados de F. de Noronha devolvida ao Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 137, n. 159, p. 8, 18 jul. 1962.

CARAVANA Militar veio visitar Fernando de Noronha, Demarches para renovar acordo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 137, n. 7, p. 3, 10 jan. 1962.

CASCUDO, Fernando Luis. Aproveitamento total da ilha rata para instalações militares. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 24, p. 16-12, 30 jan. 1957.

CHEGARAM ontem os materiais pesados do posto de foguetes. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 256, p. 8, 9 nov. 1957.

COMISSÃO atômica vai revelar toda a verdade sobre as explosões nucleares no Nordeste. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 80, p. 1, 8 abr. 1959.

COMPLETA o plano de defesa que o Brasil e USA firmaram em 52. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 131. n. 292, p. 1-12, 23 dez. 1956.

CONGRESSO não irá apreciar acordo: Roboré. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 165, p. 1, 23 jul. 1959.

CONSTRUÇÃO da "main base" em Fernando. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 135, p. 16-12, 14 jun. 1957.

COOPERAÇÃO. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 131. n. 285B, p. 4, 10 dez. 1956.

DECLARAÇÕES de Amaral Peixoto em Washington. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 39, p. 1-12, 16 fev. 1957.

DESCONHECEM completamente a transferência de aparelhagem da base de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 147, p. 3, 1 jul. 1959.

ENTREGUISMO. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 13, p. 4, 16 jan. 1957.

ESPERA-SE o acordo ainda esta semana. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 13, p. 1-12, 16 jan. 1957.

ESTAÇÃO geodésica instalada nas Rocas. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 131, p. 32-36, 9 jun. 1957.

FERNANDO de Noronha é território brasileiro?. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 133, n. 117, 25 maio 1958. Melokisses, p. 33.

FIRMADO o acordo sobre Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 18, p. 1, 22 jan. 1957.

ILHA Ascensão supera agora Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 135, n. 264, p. 1, 23 nov. 1960.

IMINENTE a ofensiva de propaganda vermelha contra a cessão da base de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 131, n. 297, p. 1, 30 dez. 1956.

INSTALAÇÃO de defesas anti-aereas em Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 131, n. 286, p. 1, 16 dez. 1956.

JUSTIFICADA a cessão de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 30, p. 1, 6 fev. 1957.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 111-153.

LUIS, Fernando. Recife - ponte aérea de grande base americana instalada em Ascensão. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 181, p. 32-31, 11 ago. 1957.

LUIS, Fernando. Regressa, hoje, dos Estados Unidos o comandante da base de F. de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 133, n. 6, p. 5, 8 jan. 1958.

LUIS, Fernando. Em funcionamento, desde o começo do mês, a base de teleguiados de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 133, n. 176, p. 20-16, 6 ago. 1958.

LUIS, Fernando. Previsto para junho o funcionamento de todas as instalações da base de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 133, n. 85, p. 22-16, 16 abr. 1958.

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreio de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

MANDAM os EUA material bélico cumprindo acordo de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 133, n. 261, p. 2, 15 nov. 1958.

MANOBRA vermelha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132. n. 10, p. 4, 12 jan. 1957.

MARINHA age de má fé, diz Mincarone: porta aviões. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 261, p. 3, 15 nov. 1959.

MARROQUIM, Murilo. 5 pontos sobre a ilha de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132. n. 17, p. 4, 20 jan. 1957.

NÃO FALO sôbre o caso de Fernando de Noronha porque não sei discutir sem ‘base’...”. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 135, n. 172, 2 ago. 1960. Olho D’água, p. 15.

NASCIMENTO, Grazielle Rodrigues do. **Fernando de Noronha e os Ventos da Guerra Fria: a relação entre Brasil e Estados Unidos nos anos de JK**. 165 f. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7645>. Acesso em: 9 fev. 2022.

NENHUMA barganha nos entendimentos para instalação da base de foguetes. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132. n. 16, p. 1, 19 jan. 1957.

NOTA sobre a base de foguetes. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132. n. 10, p. 1, 12 jan. 1957.

O BOM jornalista é aquele que na falta de fatos inventa notícias que correspondem aos anseios do povo como aquela de que Fernando de Noronha voltaria a ser 100% verde e amarela... **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 157, 12 jul. 1959. Melokisses, p. 32.

O BRASIL cumprirá todos os seus compromissos com U.S.A. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 36, p. 1-14, 13 fev. 1957.

O CEGUINHO: Agora, resta saber se a ilha de Fernando "of" Noronha voltará a ser "de"... **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 135, n. 228, 9 out. 1960. Melokisses, p. 36.

OFICIAL brasileiro comandará a base de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 131. n. 295, p. 1-12, 28 dez. 1956.

OS NORTE-AMERICANOS levarão 6 meses para instalar a base de foguetes. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132. n. 15, p. 1, 18 jan. 1957.

P. Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 137, n. 162, p. 14, 21 jul. 1962.

POLÍTICA Informal. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 144, p. 1, 26 jun. 1959.

PROSEGUEM morosos os trabalhos da base de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 209, p. 3, 14 set. 1957.

REQUERIMENTO de informações sobre Posto de Teleguiado em F. de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 181, p. 4, 12 ago. 1959.

RESGUARDADA a soberania brasileira no arquipélago de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 256, p. 3-7, 9 nov. 1957.

REVISÃO do acordo Brasil-EUA. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 266, p. 12, 21 nov. 1959.

ROCHA, Tadeu. Mal guarnecido o território de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 21, p. 16-12, 26 jan. 1957.

ROCHA, Tadeu. Voltadas para Fernando de Noronha as atenções do mundo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 20B, p. 2-12, 25 jan. 1957.

ROLIM, Tácito. **O mundo na "Era Atômica"**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.

SATISFEITOS os Estados Unidos. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132. n. 18, p. 1, 22 jan. 1957.

TÉCNICOS britânicos em teleguiados. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 92, p. 1, 24 abr. 1957.

TELEGUIADOS: aguardam-se os debates na Câmara. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 32, p. 1, 8 fev. 1957.

Fernando de Noronha e a Guerra Fria: a base de rastreamento de mísseis nas páginas do “Diário de Pernambuco” (1957-1962)

TEM novo comandante a base de foguetes de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 133, n. 184, p. 3, 15 ago. 1958.

TRÊS assuntos na seção extra. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 12, p. 1, 15 jan. 1957.

ULTIMA-SE a redação das notas ao EE. UU. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 6, p. 1, 8 jan. 1957.

USA continuarão em Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 155, p. 1-7, 10 jul. 1959.

USA vão devolver a sua base em F. de Noronha: já inútil. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 137, n. 150, p. 3, 6 jul. 1962.

VALOIS, Luis. Projéteis Mercury reduziram valor militar de Fernando de Noronha. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 136, n. 114, p. 5-11, 19 maio 1961.

VISITA de JK a base de teleguiados. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 144, p. 18-13, 27 jun. 1957.

VISITOU sigilosamente a ilha de Fernando de Noronha o embaixador dos EE. Unidos. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 132, n. 171, p. 18, 31 jul. 1957.